

Estudo comprova o drama da violência contra as mulheres

Análise das lesões sofridas pelas vítimas revela o que está por trás até mesmo de casos não notificados como agressão



Um estudo realizado em Campina Grande por pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) revela que as mulheres são as que mais sofrem violência doméstica. A análise foi feita com base em lesões na face, na região da boca, em pacientes internados no Hospital de Trauma de Campina Grande, entre 2012 e 2015.

Em média, 81,8% dos atendidos nesse período e que sofreram esse tipo de violência eram mulheres. Os pesquisadores afirmam que, pelo tipo de lesão, é possível identificar se houve violência provocada, caracterizando a violência doméstica, ou se foi um acidente, classificado como violência comunitária. Por outro lado, a violência comunitária é parelha, entre homens e mulheres, com uma diferença de apenas 1 ponto percentual.

O trabalho foi realizado em parceria com pesquisadores do Departamento de Odontologia e do Departamento de Estatística da UEPB. O artigo recebeu Menção Honrosa na 35ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica, onde foi apresentado, no final do ano passado. A relevância desse tipo de estudo é significativa quando manifesta uma condição acobertada pelas convenções sociais, pela vergonha ou, até mesmo, pela coação. Além disso, e por isso mesmo, também não consta inteiramente nas estatísticas da Segurança Pública.

"A violência doméstica é todo tipo de agressão praticada entre os membros que habitam um ambiente familiar em comum", conforme o texto do Mapa da Violência Contra a Mulher 2018, um levantamento realizado pela Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados. As informações foram extraídas de mais de 140 mil notícias veiculadas ao longo de 2018, as quais expuseram mais de 68 mil casos de violência contra a mulher em todas as unidades federativas; desses, 14.796 eram violência doméstica.



Agressões físicas e psicológicas deixam marcas e causam traumas profundos nas mulheres

Foto: Orílio Antônio



Números não mentem

Outro tipo de verificação, realizado pelo Instituto Datafolha e publicado em fevereiro deste ano, detectou o silêncio audível na pesquisa feita em Campina Grande: em 2018, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Entre os casos de violência, 42% ocorreram no lar. E - o mais gritante - após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciaram o agressor ou procuraram ajuda.

"O problema da violência contra a mulher está justamente na subnotificação", afirma a advogada feminista Gregória Benário, que trabalha com a aplicabilidade da Lei Maria da Penha. "Por causa das pressões sociais, as mulheres acabam não indo à delegacia, ou aos órgãos especializados, como o Centro de Referência da Mulher". Para a advogada, mais degradante do que ter sido atacada fisicamente, é sofrer agressão psicológica, que não deixa marcas externas mas causa traumas profundos nas mulheres. "Notificar esses casos para gerar dados estatísticos é contribuir para embasar informações que irão influenciar a formulação de políticas públicas de combate à violência contra a mulher e agir de maneira preventiva".

Posicionando-se no polo oposto, Gregória Benário considera a questão cultural à qual o homem é submetido socialmente. "Façamos uma avaliação social: o homem sofre pela imposição do machismo de uma estrutura patriarcal que o obriga ao ente masculino externar a virilidade. O homem é um ser social e precisa compreender que pode viver de outra forma, mantendo seu papel na educação dos filhos, no respeito aos semelhantes e àquela deveria ser a mais próxima de todas - a sua companheira".

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E COMUNITÁRIA EM CAMPINA GRANDE

Período 2012

Sexo	Violência Doméstica	Comunitária	Total
Feminino	153 77,7%	98 51,6%	251
Masculino	44 22,3%	92 48,4%	136
Total	197	190	387

Período 2014

Sexo	Violência Doméstica	Comunitária	Total
Feminino	164 84,1%	78 50,3%	242
Masculino	31 15,9%	77 49,7%	108
Total	195	155	350

Fonte: Centro Multiusuário de Ciência de Dados, Big Data e Geoprocessamento - UEPB

Período 2013

Sexo	Violência Doméstica	Comunitária	Total
Feminino	167 83,1%	114 55,6%	281
Masculino	34 16,9%	91 44,4%	125
Total	201	205	406

Período 2015

Sexo	Violência Doméstica	Comunitária	Total
Feminino	158 82,3%	86 48,3%	244
Masculino	34 17,7%	92 51,7%	126
Total	192	178	370

Tecnologia permite o tratamento de dados

Por que uma reportagem sobre a violência contra a mulher estaria em uma página dedicada à Ciência e Tecnologia? Não seria este um espaço para falar de equipamentos potentes e técnicas complexas? Entretanto, nesse momento, revela-se o que constantemente passa despercebido: só foi possível chegar aos resultados da pesquisa aplicada em Campina Grande por causa da tecnologia.

Os dados levantados na pesquisa apresentada no artigo "Determinantes sociais de saúde, violência urbana e traumas maxilofaciais: uma nova abordagem usando modelagem baseada em SIG", que revela as condições da violência doméstica em Campina Grande, foram organizados e computados

graças à tecnologia.

Softwares e máquinas são programados para gerar resultados instantâneos de operações complexas com um grande número de informações. Se dependessem do trabalho feito por pessoas, demoraria muito tempo, ou, nem mesmo, seria possível concluir.

Tratamento de dados como esses serão potencializados no Centro Multiusuário de Ciência de Dados, Big Data e Geoprocessamento, um laboratório sediado na UEPB, em Campina Grande, especializado em estatísticas com grande volume de dados. Os coordenadores, professor Ricardo Alves de Olinda (Departamento de Estatística) e professora Ângela Maria Cavalcanti Ramalho (Ciências Sociais), assumiram o

desafio de apresentar para a sociedade recortes de informações que retratarão o desenvolvimento social.

Nesse laboratório serão trabalhados dados relacionados a diversas áreas como segurança pública, saúde, crise hídrica, ruralidades, turismo, entre outros. Um dos projetos de extensão mapeará as áreas mais propícias à reprodução do mosquito Aedes aegypti em Campina Grande; outro trabalho já em andamento é a adaptação da cesta básica nacional do Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, para a realidade paraibana, com a inclusão de itens locais, a exemplo, de flocos de milho.

No laboratório, os alunos estarão em contato

direto com a prática da estatística, além de intercâmbios com grupos de pesquisas em outros países. São desenvolvidas ferramentas para os estudantes. Aproximadamente três mil alunos usarão softwares estatísticos em disciplinas dos cursos de graduação do Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), atualmente com sete cursos.

O grupo coordenado pela professora Ângela Maria irá trabalhar em cima de mais de 150 dissertações apresentadas por mestrandos, com dados condensados há dez anos. "A população irá conhecer profundamente os indicadores sociais das questões visando a melhoria da qualidade de vida", ressalta a professora.

Pesquisa é multidisciplinar

O projeto do Laboratório Multiusuário de Ciência de Dados, Big Data e Geoprocessamento considera que, "cada vez mais, as pesquisas são realizadas em equipes e não individualmente". Projetos de universidades e órgãos do governo que visam melhorar sua qualidade científica e os serviços prestados a sociedade, "exigem multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, e os grupos de pesquisa ou equipes parceiras têm mais chances de atender a estas demandas".

É nesse escopo que os Centros Multiusuários atuarão. A iniciativa é da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT), executada por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq). Cinco laboratórios estão em fase de implementação nos campi de Campina Grande e João Pessoa.

"O apoio por parte da Fapesq na parte computacio-

Cinco laboratórios estão em fase de implementação nos campi de Campina Grande e João Pessoa